

A VULNERABILIDADE DE GÊNERO NA PANDEMIA DE COVID NA FAVELA

Uma análise da cobertura jornalística do *Diário do Grande ABC*¹

Yarlenis Ileinis Mestre Malfrán²

Wilson Couto Borges³

Resumo

A desigualdade é um fenômeno presente na sociedade e revela contornos específicos nas pandemias. No contexto da covid-19, quando se observa esse processo numa favela como o Morro da Kibon, percebem-se múltiplas camadas que se sobrepõem, produzindo um quadro alarmante. Nesse cenário, os debates feministas trouxeram para um primeiro plano a noção de vulnerabilidade de gênero na pandemia, evidenciando que as assimetrias de gênero são potencializadas numa crise sanitária. Este trabalho analisa uma das expressões desse fenômeno, mapeando sua emergência nas narrativas jornalísticas com recorte na população da favela. O estudo se insere no Morro da Kibon, favela de Santo André, no estado de São Paulo, e explora o modo como a narrativa midiática do *Diário do Grande ABC*, jornal que circula naquela região, tematizou a vulnerabilidade de gênero de mulheres da favela na conjuntura pandêmica. Adotando como procedimentos metodológicos a Análise Temática e a Narratologia, este trabalho se propõe pensar as relações entre o corpo favelado como locus de enunciação das narrativas midiáticas na pandemia, o recorte de gênero como elemento temático articulador de tais narrativas e seus possíveis efeitos em termos de reforçar uma ontologia social desses corpos, com a vulnerabilidade subjacente, impactando sua saúde.

Palavras-chave: Covid-19; vulnerabilidade de gênero; favela; narrativa; mídia

Introdução

A pandemia de covid-19 continua instigando reflexões. Num quadro de avanço da agenda neoliberal, com corte/redução nas políticas públicas, sobretudo no que tange à distribuição diferenciada de vulnerabilidade das populações, observa-se o quanto, entre os efeitos narrados e os experimentados, há diferenças significativas. Como nos ensina Judith Butler (2023), as políticas do luto pelas vidas perdidas nos permitem observar as concepções normativas sobre quem é considerado humano e, ao mesmo tempo, mostram como ocorre a gestão das vidas consideradas com pouco valor. Este trabalho de pesquisa se insere justamente nesse campo de reflexões. Nele abordamos a saúde enquanto um objeto de disputa política na conjuntura da pandemia e no contexto da favela.

Ao situarmos os desdobramentos do cenário pandêmico no Morro da Kibon –favela pertencente ao Condomínio Maracanã, Sítio Cassaquera, Santo André, estado de São Paulo

¹ Artigo publicado originalmente em *Avatares de la Comunicación y la Cultura*, nº 28, 2024, Universidad de Buenos Aires. Autoras: Yarlenis Ileinis Mestre Malfrán e Wilson Couto Borges. DOI: <https://doi.org/10.62174/avatares.2024.9694> / Licença original: Creative Commons Atribuição–NãoComercial–CompartilharIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). / Republicado nesta obra com autorização e sob a mesma licença.

² Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil. yarlenismestrei@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-8381-6923>

³ Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil. wilson.borges@fiocruz.br - <https://orcid.org/0000-0002-2785-3658>

(Brasil)– partimos da premissa de que a saúde está diretamente relacionada à produção da vida e ao enfrentamento das vulnerabilidades, o que amplia sua compreensão para além da noção de que saúde é simplesmente ausência de doença (Almeida-Filho, 2011). Considerando esses pressupostos, exploramos como essa vulnerabilidade se tornou objeto de visibilidade na mídia, especificamente no *Diário do Grande ABC*, jornal que abarca a região onde estamos desenvolvendo a pesquisa.

Se, como aponta Butler (2023), não existem corpos invulneráveis, já que a ontologia do corpo envolve fragilidades constitutivas às quais estamos expostos, há que se admitir que há precariedades politicamente induzidas, que aprofundam em níveis significativos aquela mesma vulnerabilidade constitutiva. Essa premissa tornou-se evidente no cenário pandêmico brasileiro, e principalmente nos territórios das favelas, pois a exigência do isolamento social escancarou a necropolítica sistemática que tem na favela seu alvo privilegiado (Faustino e Gonçalves, 2020). Fatores como a densidade domiciliar, a precarização do acesso à água e saneamento básico, dentre outras particularidades estruturais, geográficas e sociais que são históricas nas favelas, potencializaram a propagação da covid-19 nestes territórios (De Araújo, 2020).

Essa vulnerabilidade era um fato inegável no Brasil, que se acentuou numa gestão desastrosa da crise sanitária por parte do governo Jair Bolsonaro, negando os efeitos de uma doença que matou mais de 700 mil pessoas no país. Paralelamente, nesse mesmo período, o ex-presidente apresentou a pandemia nos termos de um dilema entre a preservação da vida e a economia do país. Para advogar esse suposto dilema, narrações como: “em casa que falta pão todos brigam e ninguém tem razão. Tem que trabalhar” (Costa, 2020, p. 253), buscava sustentar uma tomada de posição política. Seria ingênuo considerar esta retórica como um elemento isolado. Muito pelo contrário, ao se situar na esfera privada e se referir a dinâmicas próprias desta esfera (a briga, o pão que precisa estar na mesa e a disputa sobre quem o traz), é possível identificar esta verborragia dentro de um campo mais amplo de significação que vem caracterizando o que Teixeira e Barbosa (2022) nomearam como um novo léxico político que disputa a legitimidade do gênero na esfera pública.

Por se tratar de um movimento mais amplo, que se manifesta nessa necropolítica, o “tem que trabalhar” se alia ao “a economia não pode parar”, contrariando inclusive orientações das autoridades sanitárias para que as pessoas “ficassem em casa”. Note-se que, colocadas como oposição, sem se observar a quem tais orientações poderiam estar dirigidas – e por quem poderia ser cumprida –, o que se produz como consequência é uma dupla ilusão: de igualdade e de liberdade, uma vez que, diante das condições de existência para milhares de cidadãos e cidadãs brasileiros, a consequência seria uma sobreposição de graus de vulnerabilidade alicerçados nas desigualdades sociais acentuadas num quadro de grave emergência sanitária mundial.

Não por coincidência, assim que a emergência sanitária foi decretada, instâncias internacionais como a Organização de Nações Unidas-Mulheres (ONU Mulheres) se pronunciaram, orientando os países da América Latina e do Caribe a darem atenção especial às mulheres, devido aos “desafios decorrentes da maior carga de cuidados devido ao aumento do trabalho não remunerado nas residências e do cuidado das crianças

durante o fechamento das escolas” (ONU Mulheres, 2020, p.1). Além disso, alertou-se sobre “os riscos de violência contra mulheres e meninas, especialmente a violência doméstica” (ONU Mulheres, 2020, p. 2).

No cenário até aqui apresentado, é possível a identificação de uma sobredeterminação de vulnerabilidades: uma primeira, que coloca exclusivamente sobre as mulheres a responsabilidade sobre o cuidado, desvinculando-o do trabalho remunerado e quantificando-o como atribuição de gênero, deixando-as, a partir dos feitos dessa condição, suscetíveis às fantasias de controle masculino e às violências que daí derivam.

Note-se que, a partir dessa leitura, acentuam-se as desigualdades de gênero, sustentadas a partir de políticas de (um) governo cujas pautas progressistas foram abandonadas e os avanços do movimento feminista solapados.

Esse apelo da ONU-Mulheres, também ecoado nos trabalhos de militantes feministas e pesquisadoras brasileiras (Matos, 2020; Mello, 2020), foi nomeado e caracterizado conceitualmente como vulnerabilidade de gênero na pandemia (Aragão, 2023). Neste trabalho nos inspiramos nessa chave analítica para explorar de que modo a cobertura jornalística do *Diário do Grande ABC*, como mídia que circula no território do Morro da Kibon, reforçou narrativamente a vulnerabilidade de gênero durante a crise sanitária, ou seja, em quais termos se deu o reconhecimento deste problema, dialogando com um passado histórico em que expectativas de papéis para homens e mulheres são apresentados, reificados.

Adotamos como ferramentas metodológicas à Análise Temática (Braun e Clarke, 2006) e a Narratologia (Borges, 2014; 2022) para indagar sobre os elementos temáticos que integraram a narrativa midiática sobre a vulnerabilidade de gênero das mulheres do Morro da Kibon na pandemia, considerando que, ao menos em tese, a população deste território compõe a audiência a ser informada por este jornal. Por um lado, a escolha do objeto de pesquisa fundamentou-se na centralidade da vulnerabilidade de gênero na conjuntura de saúde da pandemia. Por outro lado, tal empreendimento analítico é consubstanciado pelo interesse de visibilizar realidades vividas de moradoras da favela, em conformidade com o projeto mais amplo onde se insere esta pesquisa, referente a “A Pandemia e o Pós-Pandemia da Covid-19 no alcance da Agenda 2030 em populações vulneráveis moradoras de núcleos de favela”⁴. Nosso corpus foi composto principalmente por reportagens jornalísticas do *Diário do Grande ABC*, no período de março de 2020 a abril de 2022⁵. Considerando que o nosso interesse analítico concentrou-se na vulnerabilidade de gênero das mulheres do Morro da Kibon na pandemia, delimitamos como conjunto de dados “todas as instâncias do corpus onde o assunto é referido” (Braun e Clarke, 2006, p.4). Foi sob este

⁴ Para mais informações consultar: <https://covidnafavela.com.br/>

⁵ Tomamos em consideração tanto o início das medidas de isolamento social, decretadas entre 13 a 28 de

março de 2020 nos diferentes estados do país, quanto o fim da emergência por Covid-19, decretado em abril de 2022 pelo então Ministro de Saúde Marcelo Quiroga. Para mais detalhes consultar: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/en/saude/noticia/2022-04/government-announces-end-covid-19-health-emergency-country?amp>

enquadramento metodológico que desenvolvemos a análise proposta, questão que explicamos mais detidamente na seção referente ao percurso metodológico.

Sinteticamente, procuramos compreender criticamente a recepção local do vírus numa mídia da região, as práticas sociais que ele suscitou, em outras palavras, alguns dos reflexos midiáticos, sociais e políticos da pandemia no território da favela e das mulheres que nela habitam.

Vulnerabilidade de gênero na pandemia, favela e mídia: implicações para a saúde

Entendemos que existem conexões indissociáveis em torno do direito à saúde, direito à comunicação e o direito a uma vida no cotidiano na favela⁶. A vulnerabilidade de gênero na pandemia é o elemento chave através do qual decidimos esmiuçar a convergência destes vetores, se constituindo, portanto, em objeto da presente pesquisa, pela importância de se discutir a saúde das mulheres, principalmente daquelas precarizadas do ponto de vista socioeconômico, como é o caso das moradoras das favelas.

Não é de hoje que as epidemias são analisadas sob uma perspectiva de gênero. Isso ficou evidente no caso do zika vírus, em 2015, no Brasil. Naquela altura, reconheceu-se a maior vulnerabilidade das mulheres não apenas pelos efeitos biológicos, tais como microcefalia em bebês cujas mães grávidas foram infectadas, mas pelas demandas de cuidados voltadas para essas crianças. Esse trabalho de cuidado, atravessado por fatores como raça e classe, constituiu um elemento potencializador da vulnerabilidade de mulheres precarizadas do ponto de vista social (Souza, Dumount-Pena e Patrocino, 2022).

Observa-se, portanto, que as desigualdades de gênero presentes na sociedade como um todo revelam contornos específicos, seja durante uma epidemia seja numa pandemia, daí os esforços científicos de nomear e conceitualizar este fenômeno. Aragão (2023) define como vulnerabilidade de gênero a potencialização das assimetrias que resultaram no acúmulo de trabalho de cuidado para as mulheres no âmbito doméstico (cuidado de filhos, de pessoas idosas e de si mesmas) e em trabalhos informais, além de contemplar a maior exposição à violência de gênero no âmbito privado por conta da exigência do isolamento. Num quadro de pandemia, como a de covid-19, efeitos como o do “fique em casa” se multiplicam. Não restam dúvidas que a sobrecarga do trabalho de cuidado no âmbito familiar e a exposição à violência doméstica constituíram eixos centrais da crise sanitária de covid-19, com impactos específicos na saúde das mulheres como grupo social. Contudo, há

que se notar que há outros desdobramentos no caso das favelas. Nas palavras de De Araújo (2020): “para as mulheres moradoras de favelas, há a radicalidade da precarização cotidiana sendo agravada no cortejo devastador da pandemia” (p. 15). Nessa mesma linha de análise, Ferreira da Silva, Siqueira Gonçalves, Dameda e Pedro (2021) questionaram: “no contexto das favelas e periferias que vivem com [...] tantas vulnerabilidades, que condições existem para que essa população possa enfrentar mais essa crise (nesse contexto, agravada pela pandêmica)?” (p. 439).

⁶ Estamos partindo do conceito ampliado de saúde, nos termos iluminados por Sérgio Arouca durante a 8ª Conferência Nacional de Saúde. Para mais, ver: Stevanim e Murtinho (2021).

Como fenômeno social, a vulnerabilidade de gênero coloca no cerne do debate a igualdade de gênero como um direito fundamental a ser garantido em tempos da pandemia de covid-19. Alguns dados expõem a intensificação desta desigualdade no Brasil. Por exemplo, na pesquisa de Aragão (2023), a autora menciona que as ligações para o número 180, canal de denúncias de violência doméstica do governo federal brasileiro, aumentaram 9% desde o início da quarentena. O número de feminicídios, entre março e abril de 2020, aumentou de 117 para 143 em doze estados, quando comparado ao mesmo período do ano de 2019. Diante do acirramento das desigualdades de gênero na pandemia, se estabeleceram algumas ações de combate às mesmas. Uma delas foi a Campanha “Sinal Vermelho para a Violência Doméstica”⁷, lançada em 10 de junho de 2020 pela Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), em parceria com o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), diante do expressivo crescimento de feminicídios durante a pandemia da covid-19 (Aragão, 2023). Por sua vez, a medida do auxílio emergencial, amparada pela Lei Nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020⁸, foi fundamental para um socorro socioeconômico de populações periféricas. Sem dúvidas, “analisar a pandemia de Covid-19 sob uma lente de gênero é imprescindível para combater as vulnerabilidades que marcam o espaço social e são geralmente invisibilizadas” (Aragão, 2023, p.105).

É de se notar o potencial analítico da categoria vulnerabilidade de gênero para se operar uma crítica à atualização histórica de uma ordem social imperante, que se agrava no âmbito de uma crise sanitária como a de covid-19. Contudo, convém destacar aqui que, mesmo em diálogo com a proposta conceitual de Vivianne Aragão (2023), os pressupostos sobre vulnerabilidade que adotamos não tem uma ênfase jurídica, que discute igualdade de gênero como um direito a ser garantido. Sem desconsiderar a relevância desta perspectiva, na abordagem da vulnerabilidade de gênero, e na busca por iluminá-la a partir de um novo ponto de observação, a nossa compreensão é tributária da perspectiva de Judith Butler (2023).

Subscrevemos com a autora que, compreender a vulnerabilidade, implica observar a (in)diferença que se opera nos níveis de gestão e aplicação de políticas públicas sobre determinadas populações, ou seja, vulnerabilidade enquanto uma condição constitutiva dos seres humanos, que pode ser agravada sob o efeito de um jogo de forças políticas (Demetri, 2018). Para entender a ação dessas forças, sugere a filósofa, é preciso discernir a matriz simbólica que promove o repúdio de determinados corpos, os mecanismos estratégicos que organizam a sensibilidade corrente a respeito de determinadas populações (Butler, 2023). Levando em conta estes pressupostos, entendemos vulnerabilidade de gênero na pandemia como o efeito da ação de um conjunto de mecanismos estratégicos (políticos, econômicos, midiáticos) que se servem da matriz simbólica do gênero, consolidada hegemonicamente e atualizada na crise sanitária (especialmente no âmbito doméstico e nas funções de reprodução social que nele acontecem), para reforçar desigualdades sociais. Na medida em que tais mecanismos

⁷ Para mais informações sugere-se consultar o link: <https://www.cnj.jus.br/sinal-vermelho-cnjlancacampanha-de-ajuda-a-vitimas-de-violencia-domestica-na-pandemia/>

⁸ Lei Nº 13979. 6 de fevereiro de 2020. Brasil. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm

estratégicos tomam como *locus* de enunciação as populações da favela no contexto da pandemia de covid-19, eles operam como uma dobradiça entre discursos que reconhecem a ordem de gênero como um fator potencializador da crise sanitária e os que negligenciam a existência desta problemática, entendendo que a tentativa da sua negação “é também reconhecer a sua existência de uma outra forma” (de Oliveira, 2021, p. 300).

Usamos as premissas butlerianas sobre vulnerabilidade como um mapa, o que nos permite acessar lugares menos explorados nas análises das narrativas midiáticas. Se, para Butler, a vulnerabilidade coloca em destaque uma ontologia corporal que é sempre modelada socialmente, a partir de um horizonte normativo acerca de quais corpos importam e quais não, para nós, essa premissa é crucial para observar como participa a mídia nesse processo sobre o corpo favelado na pandemia. Sendo a mídia uma peça importante no conjunto de forças políticas que instituem determinados horizontes normativos, como é que esses corpos da favela são narrados na pandemia? Essas narrativas midiáticas – enquanto dimensão da vida política envolvida na exposição diferenciada das populações à vulnerabilidade – reforçam ou não uma modelagem desses corpos favelados como negligenciáveis, matáveis ou disputam essa ontologia social, política e historicamente constituída? Como participa a ordem de gênero nos enquadramentos midiáticos de um jornal que circula na favela?

Na medida em que “processos de comunicação estão imersos em relações de poder, a manutenção do *status quo* passa inevitavelmente pelo papel exercido pela mídia” (Borges, 2022). Em estreita relação com esses pressupostos, indagamos o que foi falado sobre os corpos da favela na pandemia, especificamente sobre as mulheres do Morro da Kibon. Como foi falado e por quais repórteres foi falado? As pessoas envolvidas foram ouvidas ou só faladas? De que forma as notícias veiculadas direcionaram percepções sobre a pandemia, sobre a própria favela e as mulheres que nela habitam? De que forma isso tudo reflete uma ontologia do corpo favelado que estabelece uma cumplicidade com a vulnerabilidade de gênero na realidade pandêmica das mulheres da favela?

Elegemos vulnerabilidade de gênero como ideia chave para observar a narrativa midiática do jornal analisado, sem que isso signifique qualquer pretensão de reduzir as favelas ou suas populações à falta. Também não aderimos a qualquer romantização da precariedade nas favelas, considerando os processos de resistência que lhes são constitutivos e que, de fato, se atualizaram no contexto da pandemia (De Araújo, 2020). Ao invés disso, reconhecemos que as populações das favelas estão cada vez mais imersas numa luta simbólica, disputando as interpretações hegemônicas sobre si e seu modo de vida (Franco, 2018; Jorge, 2023), o que reforça a importância da busca por respostas como as enunciadas pelas perguntas do parágrafo anterior.

Percurso metodológico

Adotamos como procedimentos metodológicos, sobrepostos em duas camadas, num primeiro momento, a Análise Temática (AT), (Braun e Clarke, 2006), e a Narratologia (Borges, 2014; 2022), na sequência, como forma de identificar como se deu a tematização e a atualização histórica, construída narrativamente, da vulnerabilidade de gênero no Morro da Kibon. Adotamos a modalidade de AT teórica com ênfase na vertente latente ou

interpretativa, na qual prevalece o interesse teórico de quem pesquisa, e é, portanto, mais explicitamente orientada à interpretação crítica dos dados a partir do marco teórico de partida (Braun e Clarke, 2006).

Assim, na construção da estratégia metodológica da presente pesquisa, seguimos as etapas processuais estabelecidas por Braun e Clarke (2006) para a produção de uma análise temática, consistentes em: familiarizar-se com os dados, gerar códigos iniciais, pesquisar os temas, revisá-los, defini-los e nomeá-los e, por fim, produzir relatório. Trabalhamos com as noções de item e extratos de dados propostos na AT. Portanto, as pautas jornalísticas veiculadas pelo *Diário do Grande ABC* sobre a pandemia no Morro da Kibon foram consideradas como o principal item de dados, e dentro destas as referentes à vulnerabilidade de gênero enfrentada pelas mulheres na contingência pandêmica. Para a escolha dos itens, primeiramente, tivemos em conta o período da pandemia de covid-19, de março de 2020 a abril de 2022.

Para a coleta das notícias, acessamos à seção de histórico de notícias do *Diário do Grande ABC*⁹, onde é possível encontrar cada notícia veiculada no jornal no dia, mês, ano e horário da publicação. Para se ter uma ideia, a média de notícias publicadas diariamente é em torno de 150, com intervalos que podem ser de 3 a 5 min entre uma notícia e outra.¹⁰ Por ser um volume muito grande de notícias, optamos por fazer uma busca direcionada dentro do próprio jornal usando as palavras-chave: pandemia, Morro da Kibon, mulheres do Morro da

Kibon, sobrecarga de trabalho doméstico na pandemia, violência de gênero na pandemia. Os termos foram escolhidos a partir da discussão teórica apresentada anteriormente.

De cada item, selecionamos extratos de dados que nos permitiram apoiar a leitura da narrativa midiática adotada pelo jornal, e o modo como essa narrativa produz e põe em circulação determinados sentidos sociais sobre o tema pesquisado, a população e o território onde se enquadram tais narrativas (Escudero, 2020). Numa segunda camada analítica, a identificação dos elementos de tais narrativas que, como apontam Borges e Borges (2023), “dizem respeito ao diálogo que estas mantêm com a formação de um imaginário social” (Borges e Borges, 2023, p. 12), uma vez que, concordando com os autores, “se uma ação pode ser narrada, é porque ela já está articulada em signos, regras, normas [...] Nossa proposta então é a de que os meios de comunicação de massa têm sido amplificadores (e, em alguma medida, condicionadores) deste regimento” (Borges e Borges, 2023, p. 12).

Gênero, precariedade e pandemia na favela: a produção de vulnerabilidades nas narrativas jornalísticas do *Diário do Grande ABC*

O *Diário do Grande ABC* é o maior jornal regional do país segundo consta nas suas redes sociais¹¹. Criado em 1958, o veículo inicialmente se chamava *News Seller* e era vendido aos

⁹ O histórico de notícias pode ser visitado neste link:

<https://www.dgabc.com.br/Noticias/Historico?dia=21&mes=12&ano=2021&pagina=1>

¹⁰ Para ilustrar, fizemos uma contagem das notícias do dia 21 de dezembro de 2021, mas essa é a tendência

geral enquanto a número de notícias veiculadas diariamente neste jornal.

¹¹ Diário do Grande ABC (s.d). Conta do jornal no X. <https://twitter.com/DGABC> e Diário do Grande

domingos, em Santo André, tendo como fundadores foram Fausto Polesi, Edson Dotto, Maury Dotto e Angelo Puga. Atualmente, circula nas 7 cidades do ABC paulista: São Caetano, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André e São Bernardo, além de alguns bairros da cidade de São Paulo¹². O periódico tem a seguinte estrutura: 1º Caderno, Política, Economia, Esportes, Setecidades, Cultura & Lazer, Classificados, Turismo (às quintas-feiras), D+ (aos domingos), Diarinho (aos domingos), Automóveis (às sextas-feiras), Revista Dia-a-Dia (uma vez por mês).

No corpus analisado, identificamos 5 notícias¹³ que tomam o impacto da pandemia Morro da Kibon como *lócus* de enunciação, seja de forma direta ou indireta. Poderia se considerar que este é um número bastante exíguo se comparado com o volume de notícias publicadas pelo jornal. Entretanto, ainda que não seja incomum como corpus analítico, quando se observa, qualitativamente, tal número nos permite verticalizar e adensar a análise e ver o quanto se torna um dado expressivo do reconhecimento da população da favela como audiência e como sujeito político na agenda de saúde da pandemia de covid-19.

Denominamos o primeiro tema de “Sobrevivência na crise pandêmica no Morro da Kibon”. Uma das notícias que dá embasamento para formularmos este tema foi publicada pela repórter Yasmin Assagra, sob o título *FMABC estende prazo de doações ao Morro da Kibon* (Assagra, 2020). A notícia abordou as doações de cestas básicas para os moradores do Morro da Kibon, realizadas por docentes e alunos da Faculdade de Medicina do ABC (FMABC). Assim, informa-se que: “Os 92 voluntários – de todos os cursos da faculdade – recolhem alimentos que compõem cesta básica, como arroz, feijão, leite, café e açúcar, mas também produtos como máscaras e álcool gel, usados para conter a proliferação da Covid-19” (Assagra, 2020).

A notícia utiliza, além do texto, uma imagem de uma das representantes do projeto universitário que realiza as doações. Também se recorre à voz desta docente, para destacar que: “O contato que temos direto na comunidade é em torno de 100 famílias, mas esperamos ajudar mais” (Assagra, 2020). Desta forma, a matéria centraliza a ação colaborativa de agentes da universidade na sobrevivência de população da favela, naquela conjuntura. A narrativa jornalística incentivou outros segmentos da sociedade civil a somarem nesses esforços, como ilustra a seguinte frase: “Os munícipes que desejam doar itens devem deixar nos pontos de coleta, na Rua do Bosque, 27, apartamento 131, Vila Bastos, e Rua do Oratório, 254, bairro Bangu, ambos em Santo André” (Assagra, 2020). Se, por um lado, há a compreensão de que os moradores do Morro da Kibon estão inscritos num quadro de vulnerabilidade, por outro, se esvazia a necessidade de políticas públicas que mitiguem ou eliminem esse quadro, incentivando os leitores do periódico a ações de solidariedade, subsumindo o papel do Estado nesse processo.

Ao recorrer à voz especializada para legitimar a informação veiculada, opera-se igualmente um movimento que pasteuriza a necessidade das pessoas que moram naquele espaço social ao identificar-se indistintamente o apelo às doações. Estariam moradores e

ABC (s.d). Conta do jornal no Instagram. <https://www.instagram.com/diariodograndeabc/>

¹² Informações retiradas de <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/imprensa-jovem-aclamado-visita-o-diario-do-grande-abc/>

¹³ Todas as notícias se encontram listadas no fim do texto

moradoras com as mesmas necessidades materializadas naqueles itens da cesta básica? Ou, num mesmo movimento que apresenta solidariedade, apagam-se as diferenças e reais necessidades daquelas pessoas? A abordagem jornalística não faz qualquer apontamento ao grande abismo de desigualdade social que fez com que as doações fossem cruciais na garantia de sobrevivência na favela. Sendo essa desigualdade bem anterior à pandemia, mas intensificada neste contexto, o enquadramento da narrativa parece se posicionar como asséptico a essa dimensão social, que é, por um lado, um fator potencializador do problema social apresentado e, por outro, um redutor da vulnerabilidade à falta de alimentos básicos da população da favela.

O tema que denominamos “Vozes da periferia” se encontra associado à matéria assinada por Bia Moço, sob o título *Covid deixa rastro de fome nas comunidades* (Moço, 2020). Neste caso, aparece em primeiro plano a voz de uma moradora e de lideranças das periferias do Grande ABC. A matéria não tem como *locus* de enunciação exclusivo o Morro da Kibon, mas este território está incluído na medida em que a notícia contempla as periferias da região. Neste caso, a fome é estampada como a personagem principal que compõe a narrativa. Desde o próprio título, a fome é significada como um vestígio, um sinal do risco que acomete a população da favela, omitindo-se sua condição de problema estrutural. Não surpreende então que, a esse entendimento, siga-se uma construção narrativa que posiciona a vulnerabilidade (em torno da falta de acesso a alimentos), como uma condição indelével dos sujeitos da periferia, como se tal vulnerabilidade não fosse o efeito de um jogo de forças políticas atuantes nestes territórios.

Vários fatores parecem apontar para isso. Por exemplo, a escolha de descritores para se referir às pessoas moradoras destes territórios, tais como: “a população mais carente” (Moço, 2020). Isso não significa que, de fato, não exista uma vulnerabilidade expressiva marcando a vida desta população, mas ela não opera como um *à priori* ontológico, tal como a matéria sugere. Em outro momento do texto, as vivências de uma moradora são postas em cena. O relato de Maria Roseane de Lima, 33 anos – não se fala de sua raça, o que não é uma omissão menor –, é incorporado à narrativa jornalística na qual se frisa que se trata de “uma entre as milhares de pessoas que vivem o desespero da geladeira vazia” (Moço, 2020).

Observa-se que problemas estruturais são retratados como uma força exterior que chega de paraquedas a estes territórios, como se mostra no trecho a seguir: “problemas que vão além da doença começaram a se fazer presentes, como o desemprego e, consequentemente, a fome” (Moço, 2020). Sobre o caráter supostamente inaugural dos problemas sociais em regiões do Grande ABC, baste lembrar que, no começo da pandemia de covid-19, Santo André tinha 52 mil famílias cadastradas no CadÚnico de Programas Sociais do governo federal. Em julho de 2022 chegou a quase 70 mil famílias, aumentando em 33%, das quais 38 mil estão em situação de extrema pobreza. (CadÚnico, 2022). Ou seja, o cenário pandêmico não inaugura problemas como o desemprego e a fome. Antes, os agrava.

O que de fato é uma condição estrutural e sistemática aparece nesta gramática como uma condição mitigável, principalmente pela via do assistencialismo social. Neste sentido, a matéria aponta: “nem as boas ações deram conta de suprir as carências, sobretudo as

emocionais, como contou a moradora da comunidade do Jardim Santo André, em Santo André, Maria Roseane de Lima, 33 anos” (Moço, 2020). Desta forma, a construção narrativa se encaminha para uma combinação apocalíptica que, além de omitir o papel do Estado, induz ao assistencialismo como resposta social. Não menos evidente é o enunciado implícito de paternalismo que carrega a mensagem de “boas ações” como receita diante das carências. Embora na matéria seja mencionada a falta de responsabilidade do poder público no fornecimento de alimentos básicos na região, este ponto tem menos destaque na construção narrativa.

Para completar a narrativa da aparente imprevisibilidade da ação letal do vírus da covid-19 nos territórios demarcados, a matéria estampa: “Não bastasse a dificuldade enfrentada por moradores de regiões periféricas do Grande ABC, sobretudo com a falta de alimento, os bairros carentes também são os mais acometidos pela Covid-19, somando mais de metade dos casos” (Moço, 2020). Na sequência aponta-se: “Segundo os boletins epidemiológicos divulgados pelas prefeituras diariamente, Santo André e São Bernardo são as cidades que têm os bairros mais carentes como os principais afetados pelo novo coronavírus” (Moço, 2020). Torna-se evidente que o encadeamento narrativo estabelece conexões temáticas entre fome, assistencialismo e incremento das mortes, em um tom apocalíptico. Com efeito, esses eixos temáticos, sob uma perspectiva crítica, teriam o potencial de resultar em uma cobertura jornalística capaz de contestar as imagens estereotipadas das favelas, especialmente porque tais imagens reforçam sua exclusão constitutiva das agendas de saúde.

Ainda se percebe outro movimento na matéria analisada, que é direcionar o foco para as experiências das mulheres e suas vivências na pandemia. Assim, além de trazer a foto de uma mulher como elemento central na matéria (o que de fato invoca uma ligação entre o gênero de quem é socialmente responsabilizada por gerenciar a fome no lar), no texto se destaca: “Mãe de três filhos, Maria relata que, no início da pandemia, chegou a sentir medo da doença, mas que agora, passados quatro meses, e sem perspectiva de melhora do cenário, está “desanimada” (Moço, 2020). Em seguida, a narrativa acrescenta: “Maria trata de depressão há cinco anos e ressalta que a situação de pânico aumentou ainda mais sua tristeza” (Moço, 2020). Sem dúvidas, a pauta levantada vai ao encontro das questões reivindicadas pelos movimentos feministas na conjuntura pandêmica, especialmente os impactos na saúde (incluindo a saúde mental) das principais responsáveis pelo trabalho de reprodução social, trabalho este que não apenas é desvalorizado, mas que o capital recusa-se em gastar qualquer parcela de seus lucros ao considerá-lo como trabalho feito em nome do amor, do sacrifício e do dever das mulheres.

Assim sendo, a matéria traz à tona o paradoxo da preservação da saúde diante do grande potencial de contágio que representava a covid-19, em um cenário onde, além disso, é preciso lidar com a fome. Não por coincidência, a porta voz através da qual se esquadrinha esta realidade é uma mulher, moradora de uma das periferias do Grande ABC. Como se sabe, a casa é o *lócus* do trabalho doméstico, historicamente imputado às mulheres, e é através da voz de uma delas que acessamos à distribuição diferenciada de vulnerabilidade que expõe quem pode viver e quem não tem o mínimo indispensável, estando, portanto, sujeito à morte pela covid ou “pelo desespero da geladeira vazia” (Moço, 2020). O modo

como a matéria apresenta o problema da fome vivenciada por mulheres e mães da periferia, não faz qualquer referência às dinâmicas capitalistas responsáveis pela produção desta desigualdade social.

Desta forma, mesmo elencando questões importantes, mas sob o prisma da fetichização do sofrimento, a narrativa acaba se distanciando de um senso crítico, assim como da possibilidade de contribuir com uma prática transformadora da realidade social. Ao se apelar para um enquadramento que omite como o Estado cria condições para esta necropolítica, e representar as mulheres da favela subsumidas ao sofrimento e impotência (ou seja, qualquer agência aqui também é negligenciada), a abordagem jornalística participa de uma matriz simbólica onde imperam representações hegemônicas das favelas. Por este prisma, a condição de marginalidade não é tratada como uma condição induzida politicamente, mas como se fosse um destino indelével e inevitável da periferia. Além disso, tal enquadramento se serve de uma moldura de gênero que reforça uma leitura das mulheres da favela principalmente como vítimas e, conseqüentemente, estimula respostas salvíficas e missionárias ao invés de desenvolver uma crítica às micropolíticas responsáveis pela intensificação da desigualdade no contexto da crise sanitária nas favelas. Como lembra Butler (2023), os enquadramentos, por meio das suas molduras, seletivamente nos mostram quais vidas serão dignas de serem assim reconhecidas e quais não.

Por fim, retomamos o tema da “Sobrevivência na crise pandêmica no Morro da Kibon”, que, em uma segunda camada, está relacionado com duas matérias que expõem as fortes chuvas que atingiram as periferias de Santo André na conjuntura pandêmica. Parece haver um denominador comum no modo como estas duas matérias constroem suas narrativas, isto é, elas recorrem à descrição de cenas. Tanto por meio das fotografias que acompanham as matérias quanto pelas descrições, a ênfase parece estar em nos apresentar um certo enquadramento, um ângulo específico de percepção muito marcado pelas imagens do acontecido. As matérias em questão são: “Chuvas fortes no Grande ABC causam desmoronamento e alagamento de vias; veja fotos e vídeos”, do repórter Francisco Lacerda e “Chuva de meia hora em Santo André foi equivalente a 15 dias de dezembro”, do repórter Dérek Bittencourt.

Logo no começo, é apresentada a contingência climática que atingiu a localidade. Nas palavras do repórter: “As fortes chuvas que atingiram o Grande ABC no início da tarde desta terça-feira (28) causaram estragos. A Defesa Civil de Santo André registrou diversos pontos de alagamento” (Lacerda, 2021). Uma foto em primeiro plano do alagamento também faz parte da abertura da matéria. Na sequência, um dos trechos ressalta que: “O Corpo de Bombeiros informou que houve desabamento de uma casa no morro da Kibon, em Santo André, e que não houve vítimas” (Lacerda, 2021). A matéria se encerra com um chamado à população, como ilustrado no trecho a seguir: “Se você tem fotos ou vídeos de alagamentos na sua região, mande para o Diário pelo WhatsApp (11) 99612-4764”. (Lacerda, 2021).

De forma similar, a segunda notícia relacionada com este tema, apresenta uma imagem do alagamento, descreve alguns efeitos do fenômeno climático nas infraestruturas da região, e incorpora uma fala do então prefeito Paulo Serra (de quem também aparece uma fotografia usando máscara), para compor a narrativa. Assim, se expõe que: “A tempestade

que caiu no início da tarde desta terça-feira, 28, em Santo André, ocasionou enchentes, desabamentos e muitos problemas em diversas áreas da cidade” (Bittencourt, 2021). Na breve cobertura é apontada a seguinte fala do prefeito: “Graças a Deus nenhuma informação de vítima fatal até agora [...] concluiu o prefeito Paulo Serra” (Bittencourt, 2021). Cumpre-nos destacar que, mesmo que esta ocorrência tenha se dado no meio da pandemia, nenhuma das matérias fez referência aos impactos destas chuvas na sobrevivência pandêmica, o modo como isso trouxe mais uma camada de complexidade à vida nas favelas de Santo André. A única alusão à pandemia é a máscara que usa o prefeito captado em fotografia na segunda matéria.

Ou seja, ambas as matérias, ainda que produzidas no contexto da pandemia, acabam eclipsando tanto a pandemia como pano de fundo onde atua essa contingência climática (além das fortes chuvas desabamentos, alagamentos, há que se lembrar a gravidade do contágio que, segundo umas das matérias do próprio jornal, alcançou os maiores índices justamente na população das periferias) quanto às dimensões estruturais e históricas que vem atuando na produção e intensificação da precariedade nas favelas. Entendemos que esse tipo de cobertura não está por fora de uma formação política neoliberal que visa expor determinadas populações (da favela, neste caso) enquanto outras são protegidas. Esta diferenciação é ainda mais explícita quando comparamos as matérias de Bittencourt (2021) e Lacerda (2021) com a série “No fio da Covid”¹⁴, realizada pelo próprio *Diário do Grande ABC*, com apoio da Prefeitura de Santo André entre os meses de março e abril de 2021.

Lançada no Canal de Youtube do *Diário*, a série contou com 12 episódios e teve como premissa ser um instrumento de conscientização para “quem não leva a pandemia a sério”, sendo esta narrativa reiterada em cada um dos episódios veiculados. Como parte da narrativa apresentada na série, destacou a mensagem “da pessoa que venceu o vírus”, sinal de um empoderamento individual frente ao vírus, associado a famílias brancas, com forte presença de mulheres e inseridas na ordem de gênero e sexualidade normativas. Além da política de embranquecimento que atua como elemento humanizador das pessoas que a protagonizam, o luto e a comoção pela perda dessas vidas é central na série, uma diferença das matérias de Bittencourt (2021) e Lacerda (2021) que tem como cenário a favela. Se seguirmos o gesto teórico de Butler (2023) de enxergar no luto pelas vidas perdidas, os mecanismos de negligenciamento dessas vidas, cabe reiterar a pergunta da filósofa acerca de: o que faz uma vida ser chorada, lamentada tal e, como acontece na série, mas não nas matérias de Bittencourt (2021) e Lacerda (2021)?

Destoando das abordagens anteriores e ainda se situando dentro do tema “Sobrevivência na crise pandêmica no Morro da Kibon”, a matéria de Thainá Lana, sublinha que “Famílias do morro da Kibon, na Vila Humaitá, em Santo André, perderam praticamente tudo o que tinham quando a enxurrada invadiu suas casas” (Lana, 2021). Neste caso, a repórter escuta o líder comunitário Leandro Mendes dos Santos, mais conhecido como Léo da Kibon, que aponta a complexidade do cenário climático na pandemia. Nas suas palavras: “Já não basta o difícil momento que estamos vivendo, com pandemia, surto gripal, crise econômica e,

¹⁴ Diário do Grande ABC (24 de março de 2021). *No fio da Covid - A série*. [Vídeo]. https://www.youtube.com/watch?v=_B2PXQJ6iAc

agora, em pleno fim de ano, essas pessoas perdem tudo o que têm. Vamos nos mobilizar para tentar ajudar o máximo de gente possível, afirmou Leandro” (Lana, 2021).

Em síntese, o *Diário do Grande ABC* percorre o tripé: doações, fome e contingências climáticas na pandemia ao realizar a cobertura do Morro da Kibon e de periferias similares da região. Este tripé é necessariamente atravessado por vetores como gênero, raça e territorialidade e sua inclusão nas abordagens jornalísticas opera tanto na disputa dos sentidos sociais cristalizados acerca das favelas quanto oferece subsídios para combater as desigualdades sociais que se acirraram com a chegada do vírus de covid-19 e com o imperativo de isolamento como estratégia de prevenção da pandemia. Contudo, o que apreciamos a partir da análise realizada é uma certa assepsia, na cobertura realizada pelo *Diário*, a respeito das dimensões estruturais que ainda demarcam quais humanos são objeto de sensibilidades ético-políticas nas agendas de saúde. De certo, as condições complexas que impactaram o Morro da Kibon na pandemia foram expostas nos conteúdos jornalísticos veiculados, mas a ausência de perspectivas críticas nessas abordagens jornalísticas nos faz concordar com Núñez (2022) quando tensiona os fundamentos éticos da exposição, sublinhando: “como fazê-lo sem expor ainda mais os próprios sujeitos atingidos [...] ou sem que essa exposição os reduza à dor vivida? (Núñez, 2022, p.23).

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos as relações entre o corpo favelado como *lócus* de enunciação das narrativas midiáticas na pandemia, o recorte de gênero como elemento temático articulador dessas narrativas e seus possíveis efeitos em termos de reforçar uma ontologia social desses corpos, com a vulnerabilidade subjacente, impactando sua saúde. Uma das bases epistemológicas que sustentaram nossas argumentações emergiram das abordagens feministas acerca da vulnerabilidade (Butler, 2023) e de empreendimentos analíticos decorrentes da Narratologia (Borges, 2014; 2022) e da Análise Temática (Braun e Clarke, 2006). Coletamos notícias veiculadas no período da pandemia pelo *Diário do Grande ABC* que estivessem relacionadas ao Morro da Kibon e às periferias similares da região do Grande ABC. O trabalho realizado nos permitiu observar a aproximação da abordagem jornalística da vulnerabilidade. O enquadramento normativo predominante no jornal pôs em circulação sentidos sociais que conectam os sujeitos da favela, o vírus, e parâmetros de sensibilidade ético-política que repousam, dentre outros vetores, no gênero e na territorialidade.

A narrativa promovida pelo *Diário* retrata a favela e, dentro desta, as mulheres, nas ordens sociais e de gênero hegemônicas existentes. Em vez de se questionar estas ordens e as desigualdades estruturais que elas produzem, a narrativa toma o cenário pandêmico como forma de instrumentalização de pautas sociais relevantes como a fome na favela. Se servindo da posição protagonista que a ordem de gênero impõe às mulheres no âmbito do trabalho de reprodução social (e, portanto, de gerenciamento da fome no lar e, particularmente na pandemia), a narrativa foca no sofrimento de mulheres, sem qualquer referência às condições socioeconômicas de produção desse sofrimento. Querendo ou não, se promove uma visão de autogerenciamento de si (Foucault, 2008), uma forma de empurrar o ônus para as mulheres e, portanto, uma gestão neoliberal do sofrimento

psicossocial. Este tipo de narrativas ecoadas pelo jornal, serve aos propósitos de reduzir a população da favela à suscetibilidade ao risco pandêmico. Se bem não podemos negar os efeitos dessa população ter sido sistematicamente deixada à sua sorte pelo poder público (como parte de um projeto político em curso), isso não deve servir de pretexto para reforçar a vulnerabilidade como se fosse uma identidade da favela.

Cumpre-nos destacar que não se trata de um processo novo ou mesmo singular quando se acentuam os efeitos de tais práticas durante a emergência sanitária. Para nós, como destacado em Borges e Borges (2023), trata-se de um negligenciamento operado, imerso na possibilidade de ampliação ou obliteração de uma participação social mais efetiva, como uma consequência de iniquidades em Saúde, no geral, e na Comunicação, em particular (Borges e Borges, 2023, p. 16).

Outro eixo temático que estrutura as narrativas analisadas são os cenários evocativos das emergências climáticas em tempos pandêmicos: enchentes, desabamentos, abordados majoritariamente pelo jornal sob a lente da “imprevisibilidade”. A partir daí são colocadas em destaque soluções filantrópicas, reforçando equações simples (como a benção de *Deus*) como resposta para problemas sociais complexos. Historicamente, podemos compreender esse processo num quadro mais amplo e longo onde os enquadramentos produzidos por narrativas jornalísticas ocultam o real do problema. Ou seja, emolduradas da forma como o foram, as notícias e reportagens do *Diário do Grande ABC* reforçam essa “fotografia” onde, longe de ser resultado das desigualdades e vulnerabilidades centenárias, a favela é reificada como consequência inevitável do “abandono de Deus”.

Referências Bibliográficas

Almeida-Filho, N. (2011). *O que é saúde?* Editora Fiocruz.

Aragão, V. L. (2023) *A igualdade de gênero como direito fundamental em tempos de pandemia da Covid-19 no Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Sergipe.

Braun, V. e Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research In Psychology*, 2(3), 1-31. [Tradução Prof. Dr. Luiz Fernando Mackedanz]. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8135502/mod_resource/content/1/Braun%20e%20Clarke%20-%20Traducao-do-artigo-Using-thematic-analys.pdf

Borges, W. C. (2014). A Narratologia deve estar atenta à cultura. Em K. Lerner e I. Sacramento (Orgs.), *Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas* (pp. 85-111). Ed. Fiocruz.

Borges, W. C. (2022). Entre a tipologia e a guilhotina: imaginário, subjetividade e política na investigação de uma conjuntura. *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, 14 (3), 384-407. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-202214301>

Borges, W. C. e Borges, V. C. Q. (2023). Narrativa, Ideologia e Poder: uma paralaxe sobre as denominadas Fake News. *Avatares de la comunicación y la cultura*, (25), 1- 18. <http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s18535925/83xp6fqbk>

Butler, J. (2023). *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Autêntica.

CadÚnico (2022). *Cadastro Único Brasil. Famílias Cadastradas*. Brasil.

<https://cecad.cidadania.gov.br/painel03.php>

Costa, P. R. S. M. (2020). Violências contra mulheres em tempos de COVID-19. Em M. Grossi e T. Rodrigo (Comps), *Cientistas Sociais e o Coronavírus* (pp. 252-256).

Tribo da Ilha. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/217998>

De Araújo, M. B. (2020). Covid-19 nas Favelas Cariocas: a resistência decolonial das mulheres de Rio das Pedras no enfrentamento da pandemia. *Inter-Legere*, 3 (28), 1-27. <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n28ID21578>

Demetri, F. D. (2018). Judith Butler: filósofa da vulnerabilidade. *Lugar Comum: Estudos de mídia, cultura e democracia*, 1(52), 175-187.

<https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/46770>

Escudero, C. (2020). El análisis temático como herramienta de investigación en el área de la Comunicación Social: contribuciones y limitaciones. *La Trama de la Comunicación*, 24(2), 89-100.

<https://latrama.unr.edu.ar/index.php/trama/article/view/746/497>

Faustino, D. e Gonçalves, R. (2020). A nova pandemia e as velhas relações coloniais, patriarcais e racistas do capitalismo brasileiro. *Lutas Sociais*, 24(45), 275-289.

<https://doi.org/10.23925/lis.v24i45.53009>

Foucault, M. (2008). *Segurança, território e população*. Martins Fontes.

Franco, M. (2018). UPP-A redução favela em três letras: uma análise da política de segurança do estado do Rio de Janeiro. n-1 edições.

Jorge, A. (2023). *Feminismos Favelados: uma experiência no Complexo da Maré*. Bazar do Tempo.

Matos, M. (2020). Pandemia COVID-19 e as mulheres. Em M. Grossi e T. Rodrigo (Comps), *Cientistas Sociais e o Coronavírus* (pp. 256-259). Tribo da Ilha.

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/217998>

Mello, H. P. (13 de abril de 2020). A vida das mulheres em tempos de pandemia. *Nexo Ensaio*

<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/debate/2020/A-vida-das-mulheres-emtempos-de-pandemia>

Núñez, G. D. (2022). *Nhande ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude*. (Tesis de doctorado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.

de Oliveira, J. M. (2021). Biopolíticas e COVID-19: os teatros da administração de vidas e mortes. *Revista Psicologia Política*, 21(51), 299-304.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000200001&lng=pt&nrm=isso

ONU Mulheres (2020). *Gênero e Covid na América Latina: dimensões de gênero na resposta*. Brasil. https://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf

Ferreira da Silva, C. A., Siqueira Gonçalves, C., Dameda C. e Pedro, R. M. (2021). Atitudes que fazem a diferença: coronavírus e os coletivos nas favelas. *Revista*

Psicologia Política, 21(51), 435-448.

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000200010&lng=pt&nrm=iso

Souza, É. R., Dumont-Pena, É. e Patrocino, L. B. (2022). Pandemia do coronavírus (2019-nCoV) e mulheres: efeitos nas condições de trabalho e na saúde. *Saúde Debate*, 46 (1), 290-302. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E120>

Stevanim, L. F. e Murtinho, R. (2021). *Direito à Comunicação e Saúde*. Editora Fiocruz.

Teixeira, J. M. e Barbosa, O. A. (2022). A Mulher e a Família: agendas neopentecostais na disputa pela gramática dos direitos humanos. *[Syn]Thesis*, 15(1), 89-105.

<https://doi.org/10.12957/synthesis.2022.69311>

Matérias analisadas

Assagra, Y. (30 de abril de 2020). FMABC estende prazo de doações ao Morro da Kibon. *Diário do Grande ABC*. <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3402477/fmabcestende-prazo-de-doacoes-ao-morro-da-kibon>

Bittencourt, D. (28 de dezembro de 2021). Chuva de meia hora em Santo André foi equivalente a 15 dias de dezembro. *Diário do Grande ABC*.

<https://www.dgabc.com.br/Noticia/3823496/chuva-de-meia-hora-em-santo-andrefoi-equivalente-a-15-dias-de-dezembro>

Lacerda, F. (28 de dezembro de 2021). Chuvas fortes no Grande ABC causam desmoronamento e alagamento de vias; veja fotos e vídeos. *Diário do Grande ABC*.

<https://www.dgabc.com.br/Noticia/3823480/chuvas-fortes-no-grande-abc-causamdesmoronamento-e-alagamento-de-vias-veja-video-e-fotos>

Lana, T. (29 de dezembro de 2021). 30 minutos de chuva = caos. *Diário do Grande ABC*. <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3823522/30-minutos-de-chuva-%3D-caos>

Moço, B. (12 de julho de 2020). Covid deixa rastro de fome nas comunidades. *Diário do Grande ABC*.

<https://www.dgabc.com.br/Noticia/3478253/covid-deixa-rastro-defome-nas-comunidades>